

CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DOS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PRESIDENTE PRUDENTE - SP - Gelson Yoshio Guibu (FCT – UNESP) – Eixo Temático: 1- Formação inicial e continuada de professores para a educação básica

1. INTRODUÇÃO

Conforme Ribeiro (2009, ps. 133-4), a institucionalização do conhecimento sexual ocorreu, no Brasil, na primeira metade do século XX, por meio de médicos que pregavam os ideais do higienismo e do eugenismo: o objetivo era propiciar “a regeneração física e moral da população”, a partir da premissa de que “uma saúde sexual implicava na existência de indivíduos mentalmente saudáveis”.

Este autor relata que houve uma vasta produção de obras sobre sexualidade e educação sexual nas décadas de 1930 e 1940, o que teria permitido que educadores no início da década de 1960 efetivassem as primeiras experiências de educação sexual escolar. No entanto, foram iniciativas esporádicas, normalmente marcadas pela influência normativa e higienista, adotadas por escolas religiosas e por núcleos conservadores da sociedade, assustados com a revolução sexual que ocorria na Europa e nos EUA (mas que aqui não aportou na época), e já antevendo que a modernização e industrialização emergentes trariam consigo uma revolução dos costumes.

Mais recentemente, a discussão sobre a necessidade de se incluir a educação sexual na escola foi retomada a partir da “abertura política” (no final da década de 70), pelos movimentos sociais que passaram a repensar a função social da escola e a questionar os conteúdos por ela trabalhados; no entanto, não houve muitas iniciativas concretas nem na rede pública nem na rede privada.

A demanda por educação sexual aumentou a partir de meados da década de 80 em função do grande aumento da gravidez na adolescência e dos riscos de contaminação pelo vírus HIV entre a juventude; segundo os PCN, acreditava-se que haveria fortes resistências por parte das famílias dos estudantes, mas que, atualmente, muitos pais solicitam que um trabalho de orientação sexual seja efetuado nas escolas, seja porque entendem a sua importância, seja porque eles reconhecem as dificuldades de tratar desta temática no ambiente familiar.

Muitas escolas que consideram ser importante trabalhar a temática da sexualidade em sala de aula, acabam por incluir a discussão sobre reprodução humana no currículo de Ciências Naturais, e abordam noções sobre anatomia e fisiologia do corpo humano; de acordo com os PCN (2001, p. 113), “essa abordagem normalmente não

abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo”.

A escola que se deseja construir deve buscar desenvolver o prazer pelo conhecimento, e assim, ela deve reconhecer “... que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto” (PCN, 2001, p. 114).

A escola deve realizar um trabalho “sistemático e sistematizado” de Orientação Sexual, que se articule com a promoção da saúde dos alunos; conforme os PCN (2001, p. 114), as ações de educação sexual devem ser contínuas, para oferecerem “... possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas”.

Ao lado de informações corretas, um trabalho contínuo (sistemático e sistematizado) de educação sexual permitiria que os alunos refletissem acerca da própria sexualidade, e este autoconhecimento poderia levar à ampliação da consciência da necessidade de comportamentos preventivos. Por fim, os PCN (2001, p. 115) apontam que “... a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura”.

A presente pesquisa, realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Sexual, Sexualidade e Psicanálise da FCT – UNESP, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente, é uma das atividades que vem sendo desenvolvidas pelo Grupo com o intuito de se refletir acerca da proposição de um trabalho de educação sexual junto aos profissionais da educação e dos profissionais da saúde do município Presidente Prudente – SP. Ela pretende fornecer subsídios para o questionamento e discussão acerca da formação inicial destes profissionais no que diz respeito à educação sexual e ao conhecimento sobre sexualidade, e propor parâmetros para se pensar uma formação continuada em educação sexual.

2. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo básico apresentar e discutir algumas concepções dos professores das séries iniciais do ensino fundamental de Presidente Prudente – SP, em relação à temática da sexualidade. Este conhecimento pode contribuir para que se possam elaborar diretrizes e planejar ações de educação continuada junto a estes professores, de modo a propiciar discussões e reflexões que levem ao desenvolvimento de atitudes positivas frente à sexualidade, para que as crianças e jovens possam desenvolver uma sexualidade ligada à saúde, ao prazer e ao bem-estar.

3. Metodologia

Esta pesquisa baseou-se em questionário aplicado junto a 158 professoras(es) das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Presidente Prudente – SP; não houve grandes dificuldades em se obter a autorização da Secretaria Municipal de Educação, porque este trabalho faz parte de um conjunto de ações que vem sendo desenvolvidas em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Os objetivos da pesquisa foram discutidos em reunião no dia 13/10/10 com os gestores escolares, e ficou decidido que os professores responderiam ao questionário em horário de HTPC previamente agendado. A aplicação do questionário foi realizada por membros do Grupo de Estudo e Pesquisas da FCT – UNESP, e também por integrantes do SACE - Setor de Ações Complementares à Educação, da Secretaria Municipal de Educação, entre novembro e dezembro de 2010, e, em média, os professores demoraram cerca de meia hora para responder às 117 questões (de múltipla escolha) do questionário.

A tabulação dos dados foi realizada através do programa SPSS¹, o que favoreceu o fornecimento de muitos dados gerais e específicos, além de diversos cruzamentos entre eles, permitindo diferentes possibilidades de análises e, assim, contribuindo para o enriquecimento das mesmas.

4. Resultados e discussões

Quanto à idade, constatou-se que ela varia entre 23 e 66 anos; a maioria relativa (36,73%) encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos; em seguida, verifica-se 34,01% de professores que tem entre 40 e 49 anos; 14,96% estão na faixa etária dos 50 anos; tem-se 10,20% do total entre 23 e 29 anos, e 4,08% tem 60 ou mais anos de idade. Observa-se então que a maioria (53,07%) dos professores prudentinos tem 40 anos ou mais anos de idade.

Se mais da metade dos professores tem 40 ou mais anos de idade, por sua vez, a grande concentração (70,74%) situa-se entre 30 e 49 anos. Em pesquisa realizada por Ferreira em 2002, o perfil dos professores prudentinos em relação à idade era bem diferente: a maioria relativa (38,68%) situava-se na faixa etária de 20 a 30 anos; em seguida, com 27,83% estavam os professores de 31 a 40 anos, e com 24,05% os que

tinham entre 41 e 50 anos; portanto, tratava-se de um corpo docente jovem, com 66,51% dos professores situados na faixa etária entre 20 e 40 anos.

Utilizando-se as mesmas faixas de idade da pesquisa de 2002, observa-se que em 2010, a maioria relativa (37,41%) situa-se na faixa etária de 31 a 40 anos, seguida daqueles que tem entre 41 e 50 anos (29,93%); por sua vez, empatados com 14,96% do total estão tanto os que tem entre 23 e 30 anos quanto os que tem entre 51 e 60 anos.

Se em 2002, 66,51% dos professores tinham entre 20 e 40 anos, em 2010 este percentual caiu para 52,37%; no entanto, se considerarmos os que tem entre 20 e 39 anos, eles somam 46,93% do total; ou seja, a maioria (53,05%) dos professores tem 40 anos ou mais de idade. Isto pode ser explicado pela diferença de oito anos entre um e outro levantamento.

Em relação ao sexo, há um predomínio quase que absoluto de professoras: 98,1% do total são do sexo feminino. Quanto ao estado civil, 24,5% dos professores são solteiros, 18 (11,9%) são separados, e a maioria, 93 professores (61,6%) declararam que são casados. Na pesquisa efetuada em 2002 por Ferreira, 96,70% eram do sexo feminino; em relação ao estado civil, a maioria (58,02%) era casada, seguida por 31,60% de solteiros, 5,19% de separados e 3,30% de viúvos. Em termos de religião, verificou-se em 2010 que a grande maioria, 76% (114 profs.) declararam-se católicos; 20% (30 profs.) são evangélicos, e 2% informaram ser espíritas; outros 2% afirmaram pertencer a alguma outra religião.

Dos 158 professores pesquisados, 73,4% declararam ter filhos. Na pesquisa de 2002, Ferreira constatou que 59,91% dos professores tinham filhos; quer dizer, houve um aumento no número de professores que atualmente tem filhos. Provavelmente isto decorreu do fato de terem-se passado oito anos entre as duas pesquisas.

Em 2002, 38,68% dos professores tinham entre 20 e 30 anos de idade, enquanto 27,83% situavam-se na faixa etária de 31 a 40 anos; em 2010, a maioria relativa (37,41%) estava justamente nesta última faixa etária; por sua vez, o número de professores entre 20 e 30 anos caiu para 14,96% do total. Se em 2002, os professores eram mais jovens e tinham menos filhos, então parece provável concluir que os professores prudentinos decidiram ter filhos com uma idade mais avançada.

Isto pode ser constatado verificando-se a idade em que eles tiveram o primeiro filho: apenas 19 (16,23%) professores responderam que foi com menos de 20 anos de idade; já entre 20 e 24 anos, tem-se 31,63% que responderam afirmativamente; isto significa que a maioria (52,14%) dos professores teve o primeiro filho a partir dos 25 anos de idade. Entre 25 e 29 anos, tem-se 39 professores (33,33%); entre 30 e 39 anos,

tem-se 21 professores (17,95%), e 1 professor declarou ter tido o primeiro filho apenas aos 41 anos de idade.

Em relação ao número de filhos, praticamente a metade (49,6%) afirmou possuir 2 filhos, enquanto 28,3% tem 1 filho, 19,5% tem 3 filhos e 2,7% tem 4 filhos. Já em 2002, dentre os que tinham filhos, 40,94% tinham 2 filhos, seguidos por 32,28% que afirmaram possuir 1 filho; 22,83% tinham 3 filhos e 3,94% tinham 4 filhos. Conclui-se que, em 2010, aumentou o número de professores que tem dois filhos e diminuiu aqueles que tem um, três e quatro filhos.

A idade de iniciação sexual situou-se entre 14 e 36 anos de idade; a maioria relativa (17,05%²) teve a primeira relação sexual aos 17 anos de idade; em seguida, com 15,50% vem os que tinham 18 anos; empatados em terceiro lugar, situam-se 11 professores (8,52%) que se iniciaram sexualmente aos 16 anos e 11 aos 19 anos de idade.

Chega-se a conclusão que 49,59% dos professores iniciaram-se sexualmente antes dos 20 anos de idade (entre 14 e 19 anos); por sua vez, 39,51% dos professores iniciaram sua vida sexual entre 20 e 29 anos; no entanto, a média ponderada geral é de 20,17 anos de idade.

Em relação à adequação da idade em que tiveram a primeira relação sexual, 70,92% dos professores consideram-na adequada; no entanto, 23,40% deles consideram que a idade em que se iniciaram sexualmente foi muito precoce, enquanto apenas 5,67% consideram-na muito tardia.

Uma pesquisa da UNESCO³, realizada com alunos do ensino fundamental e médio das quatorze principais capitais brasileiras, constatou que a idade média de iniciação sexual dos estudantes brasileiros é de 14,8 anos (14,1% entre os do sexo masculino e 15,5% entre as do sexo feminino). Em relação à cidade de São Paulo, estes dados são bem semelhantes, uma vez que nesta observou-se a idade média de 14,65 anos (14,1% entre os do sexo masculino e 15,5% entre as do sexo feminino). Comparando-se os resultados dos alunos brasileiros e paulistanos com os obtidos junto aos professores de Presidente Prudente, tem-se que estes iniciaram-se sexualmente mais tardiamente, em média 05 anos depois dos estudantes.

Para a grande maioria (81,3%⁴) dos professores, o principal objetivo do sexo é consolidar o amor entre duas pessoas; 15,3% entendem que seria o de proporcionar prazer a uma pessoa, e apenas 3,3% afirmam que seria a reprodução, já que sexo é para ter filhos. Aparentemente, poder-se-ia supor que a idéia da sexualidade vinculada à reprodução, que predominou até o início do século XX, já estaria completamente

superada nos dias atuais; este parece ser o caso dos professores pesquisados, uma vez que apenas 3,3% afirmaram que o principal objetivo do sexo é a reprodução.

Para 56,8%⁵ dos professores prudentinos, a sexualidade existe desde o nascimento, sendo, assim, inata; no entanto, 39,9% deles acreditam que ela surge somente na puberdade, a partir da maturação dos órgãos genitais; para 2,7%, a sexualidade somente afloraria depois que a pessoa tiver a primeira relação sexual. Portanto, deve-se ressaltar que mais de 40% dos professores discordam ou desconhecem o fato de que a sexualidade está presente desde o início da vida, o que parece ser um índice bastante elevado.

Na bibliografia consultada, a grande maioria das pesquisas a respeito de concepções de professores sobre sexualidade não abordou esta questão de quando os professores entendem que surge a sexualidade, ou, mais especificamente, acerca do conhecimento/desconhecimento da sexualidade infantil por parte dos professores.

Segundo os PCN, eram muito poucas as escolas brasileiras que efetivamente faziam um trabalho de educação sexual; na maioria das vezes, as escolas apenas procuravam esclarecer um pouco acerca do mecanismo da reprodução humana, abordando-a tão somente em seus aspectos anatômicos e fisiológicos; isto era feito no interior do programa da disciplina de Ciências, ou de Biologia.

Atualmente, a situação não é muito diferente; segundo Carpilovsky (2010, p. 47), em pesquisa realizada com 35 professores de uma escola pública do ensino fundamental de Santa Maria – RS, a totalidade afirmou a importância e a necessidade da escola realizar um trabalho de educação sexual, pois a maioria das famílias não o faz; todos os professores foram ainda favoráveis à inclusão desta temática no planejamento escolar, no sentido de ampará-los legalmente para efetuar o trabalho de educação sexual em sala de aula.

No entanto, embora 100% dos professores afirmem a necessidade da escola fornecer uma educação sexual aos seus alunos, a grande maioria (71%) deles se sente despreparada para fazê-lo, e apenas 2,8% disseram já ter recebido alguma orientação sobre como trabalhar com a sexualidade em sala de aula.

Por sua vez, Leão, Ribeiro e Bedin (2010, p. 36) afirmam que, passados mais de dez anos da publicação dos PCN sobre orientação sexual,

... não houve incentivo nem iniciativas oficiais regulares e sistemáticas para que aos professores se oferecessem oportunidades de formação em Educação Sexual na cadeira de Pedagogia, nas licenciaturas ou em educação continuada, nem mesmo em formação inicial, com raras exceções.

Conforme Santos e Santiago (2008, p. 45), ao serem perguntados sobre o entendimento acerca da sexualidade, metade dos professores entrevistados relacionou-a à procriação e à afetividade entre heterossexuais; para as autoras, estes professores entrevistados reforçam a idéia de que o correto seria a heterossexualidade, e “além de sinalizarem a questão do envolvimento amoroso entre casais heterossexuais, remetem também à tradicional perspectiva que circunscreve a sexualidade à reprodução biológica”.

Em pesquisa realizada em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, Altmann (2009, p. 191) verificou que, em sala de aula, a educação sexual era realizada na disciplina de Ciências, e a sexualidade era trabalhada a partir dos livros didáticos, enfatizando principalmente a reprodução: “ali, toda a ênfase era dada ao sistema reprodutor, à geração de uma nova vida, à gravidez, ao parto, enquanto informações sobre adolescência, métodos anticoncepcionais, Aids, DST apareciam como anexos”.

Retornando à presente pesquisa, ao serem questionados se receberam alguma informação sobre sexualidade na infância (até aos 11 anos de idade), 60% deles⁶ responderam não se lembrar; 17% se lembravam ter recebido informações sobre sexualidade da mãe, 11,1% dos professores e 8,1% de amigos e/ou colegas; 2,2% de outros familiares e apenas 1,5% do pai.

Em pesquisa realizada com 2000 professores gaúchos, segundo Berger e Hutz, 45,39%⁷ dos professores afirmaram não se lembrar de ter recebido informações sobre sexualidade na infância; 18% receberam alguma informação da “mãe e/ou do pai”, e 17,10% de algum “amigo ou professor”.

Embora a pesquisa gaúcha tenha sido feita em 1998 (12 anos antes da presente pesquisa), os resultados são bem semelhantes: 17% dos professores prudentinos se recordam de ter recebido alguma informação sobre sexualidade da mãe, enquanto que 18% dos professores gaúchos receberam da “mãe e/ou do pai”; 17,1% destes últimos se recordaram de receber informações de um “amigo ou professor”, enquanto na presente pesquisa, se somarmos os 11,1% que receberam informações de seus professores com os 8,1% que as tiveram de “amigos e/ou colegas”, tem-se 19,2% do total.

De acordo com Berger e Hutz, 91,9% dos professores pesquisados eram do sexo feminino, e tinham em média 38 anos; por sua vez, 98,1% dos professores prudentinos eram mulheres, e a idade média era de 39,5 anos. No entanto, a pesquisa gaúcha foi realizada 12 anos antes desta, o que significa que quando tinham 8 anos de idade, o ano era 1968; já os professores prudentinos tinham 8 anos em 1978.

Como a imensa maioria dos professores gaúchos e prudentinos não recebeu informações sobre a sexualidade durante a infância de seus pais, nem de seus professores, pode-se concluir que seja em 1968 ou em 1978, a grande maioria dos pais e professores não conversava sobre sexualidade com as crianças. Mas será que a situação se modificou nestas últimas décadas?

Em pesquisa⁸ realizada em junho de 2010, com 439 alunos do Projovem Urbano de Presidente Prudente, cuja média de idade era de aproximadamente 24 anos, 32,6% deles afirmaram ter recebido alguma informação sobre sexualidade na infância da mãe, 12,1% do pai e apenas 17% de seus professores.

Utilizando-se o mesmo critério adotado em relação aos professores, tem-se que quando estes alunos tinham 8 anos de idade, o ano era 1994; quase a metade deles afirmou ter recebido alguma informação sobre sexualidade dos pais (a maioria da mãe), mas apenas 17% receberam dos seus professores; pode-se concluir que os pais começaram a falar mais sobre sexualidade com seus filhos (durante a infância), ainda que metade deles não o faça; no entanto, mesmo na década de 1990, a grande maioria dos professores continuou não informando seus alunos a respeito de sexualidade.

Questionados a respeito de perguntas feitas aos pais, durante a infância, sobre sexualidade, 74,7%⁹ dos professores prudentinos afirmaram que não as faziam; 23,4% deles disseram que as perguntas eram respondidas pela mãe, e apenas 1,9% pelo pai; a grande maioria (71,9%) dos professores afirmou que não fazia perguntas aos pais sobre sexualidade porque tinham vergonha, 14,9% porque era proibido e 13,2% porque tinham medo.

Segundo Beraldo (2003, p. 103), “a maioria dos pais acham constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, ora pela educação recebida de seus pais, ora pela repressão ou por não saberem como abordar o tema”. No entanto, de acordo com Abramovay et al (2004, p. 106-7), cerca de 2/3 dos pais brasileiros afirmam que já conversaram com seus filhos sobre sexualidade; esta prática é mais observada nas capitais do sudeste do que nas do nordeste. Outra mudança significativa é que os pais estão participando mais das conversas sobre sexualidade com seus filhos; em nove das catorze capitais, ambos, pais e mães afirmaram conversar com os filhos; e no Distrito Federal, os pais conversam mais do que as mães sobre sexualidade. Ainda segundo esta pesquisa, a primeira conversa dos alunos com seus pais sobre sexualidade ocorreu por volta de 11 anos de idade.

A pesquisa da UNESCO (2004, p. 103-4) afirma que embora a maioria dos professores considere a escola o “lugar ideal” para se trabalhar com a temática da sexualidade, um trabalho contínuo de educação sexual de fato não é concretizado,

ocorrendo eventos esporádicos, tais como palestras, e iniciativas individuais de alguns professores.

Em pesquisa realizada em 2005 com 100 professores do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do município de Jandira – SP, Jardim e Brêtas (2006, p. 159) verificaram que 99% deles consideram importante realizar um trabalho de educação sexual na escola; no entanto, “... apenas 36% dos professores referiram que a sua escola já desenvolveu alguma atividade em orientação sexual, sendo que 14% delas restritas a palestras isoladas realizadas por convidados”.

Em relação à idade para se iniciar um trabalho de educação sexual, 11% dos professores de Jandira não souberam responder; para 9% destes professores, a educação sexual deveria iniciar-se na educação infantil; para 39%, o momento adequado seria ao longo das quatro primeiras séries do ensino fundamental; para 18%, a idade se situaria entre 11 e 12 anos (portanto, entre a 5ª e 6ª séries); para 4%, entre os 13 e 14 anos; para 8%, a partir dos 15 anos de idade; e para 10%, não haveria uma idade adequada, o professor deveria responder aos questionamentos das crianças, independentemente de suas idades.

Conclui-se que, para quase metade dos professores de Jandira (48%), a educação sexual deveria iniciar-se durante a infância (até 10 anos de idade); já os professores de Presidente Prudente, embora não tenham feito perguntas sobre sexualidade aos seus pais durante a infância (até 11 anos de idade), atualmente, quase que a totalidade deles (95,5%) acha importante que os pais conversem com seus filhos a respeito. No entanto, 29,1% deles discordam que seja importante que os professores trabalhem com educação sexual desde a educação infantil; já nas primeiras séries do ensino fundamental, o número de professores que discordam da educação sexual cai para 23,2% do total.

5. Considerações Conclusivas

Em pesquisa realizada por Ferreira em 2002, verificou-se que a maioria dos professores prudentinos era composta de jovens, com 66,51% deles situados na faixa etária entre 20 e 40 anos; em 2010, este percentual caiu para 52,37%; no entanto, considerando-se a faixa etária entre 20 e 39 anos, tem-se que, atualmente, 46,93% do total de professores. Conclui-se assim que a maioria dos professores prudentinos não mais é jovem, uma vez que possui 40 ou mais anos de idade. Quanto ao sexo, verificou-se que a imensa maioria (98,1%) dos professores é do sexo feminino, e que 61,6% deles

são casados; a maioria se declara católica, e 73,4% possuem filhos. Em relação à pesquisa de 2002, houve um aumento razoável no número de professores que tem filhos.

A maioria dos professores prudentinos teve o primeiro filho a partir dos 25 anos de idade; a maioria relativa (33,33%) teve o primeiro filho entre 25 e 29 anos; esta tendência é contrária àquela observada no país como um todo, já que desde 1991, as mulheres de 20 a 24 anos ultrapassaram aquelas de 25 a 29 anos, que até então era o grupo que possuía o maior número médio de filhos dentre as mulheres em idade reprodutiva (entre 15 e 49 anos). Praticamente a metade dos que tem filhos afirmou possuir 2 filhos. Em relação à pesquisa de 2002, aumentou o número de professores que tem dois filhos e diminuiu aqueles que tem um, três e quatro filhos.

Embora a metade dos professores tenha se iniciado sexualmente entre 14 e 19 anos, a idade média de iniciação sexual é de 20,17 anos; em relação aos estudantes brasileiros em geral, observa-se uma diferença de aproximadamente 5 anos; tem-se, portanto, que os professores prudentinos tiveram uma iniciação sexual relativamente tardia; talvez isto explique o fato da maioria ter tido o primeiro filho a partir dos 25 anos de idade.

O principal objetivo do sexo, para 81,3% dos professores, é consolidar o amor entre duas pessoas; 15,3% entendem que seria o de proporcionar prazer a uma pessoa, e apenas 3,3% afirmam que seria a reprodução. Em princípio, poder-se-ia supor que a idéia da sexualidade vinculada à reprodução, que predominou até o início do século XX, já estaria completamente superada nos dias atuais, uma vez que apenas 3,3% dos professores afirmaram que o principal objetivo do sexo é a reprodução. No entanto, entende-se que esta conclusão foi razoavelmente prejudicada em função da opção “consolidar o amor entre duas pessoas”, escolhida pela grande maioria dos professores, e que reforça a idéia da prevalência do ideal de amor romântico ainda nos dias atuais, em pleno século XXI.

Para 56,8% dos professores, a sexualidade existe desde o nascimento, sendo, assim, inata; no entanto, deve-se destacar que mais de 40% deles discordam ou desconhecem o fato de que a sexualidade está presente desde o início da vida. Este dado referenda aquelas pesquisas que mostram que nos dias atuais, nas escolas onde existe um trabalho de educação sexual, ele ainda está focado na questão da reprodução, enfatizando os aspectos anatômicos e fisiológicos do sistema reprodutor. Isto parece indicar que grande parte dos professores brasileiros ainda subsume o conceito de sexualidade à reprodução, desconhecendo a sexualidade infantil.

É provável que o desconhecimento da sexualidade infantil por parte de 40% dos professores prudentinos tenha sido o dado mais relevante destes apresentados,

porque se trata de professores das séries iniciais do ensino fundamental, que lidam com crianças, e este provavelmente é o motivo pelo qual aproximadamente 30% deles discordam que uma educação sexual seja realizada desde a educação infantil e que 23,2% do total são contra uma educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental.

6. Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L.B. da. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p.

ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.136, p.175-200, jan./abr. 2009.

BERALDO, F.N. de M. Sexualidade e escola: um espaço de intervenção. In: *Psicologia Escolar e Educacional*. Vol.7, n. 1, Campinas, junho de 2003.

BERGER, I.; HUTZ, C.S. O perfil do educador gaúcho em relação à sexualidade. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, vol. 10, n. 1, 1999.

CARPILOVSKY, C.K. et al. Educação Fundamental: Ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública. In: *VIDYA*, v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603 X.

FERREIRA, L. A. M. *O estatuto da criança e do adolescente e o professor: reflexos na sua formação e atuação*. (Dissertação de mestrado). Presidente Prudente, FCT – UNESP, 2004.

JARDIM D.P.; BRÊTAS J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2006, mar-abr; 59(2):157-62.

LEÃO, A. M. de C.; RIBEIRO, P. R. M. e BEDIN, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. In: *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36 – 52, jan. / jun. 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural/orientação sexual*. 3ª ed. Brasília, 2001.

RIBEIRO, P.R.M. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M.N.D. (org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009.

SANTOS, E. R. F. dos; SANTIAGO, I. M. F. L. Sexualidade na Escola: Do Entendimento dos/as Professores/as à Prática em Sala de Aula. In: *Revista Ártemis*, João Pessoa, vol. 8, junho de 2008, pp. 41-56.

¹ O software SPSS (Statistical Paxkage for the Social Sciences) surgiu em 1968, e é bastante utilizado mundialmente para se efetuar análises estatísticas. Os seus autores foram Noman H. Nie, C. Hadlai Hull e Dale H. Bent. Foi desenvolvido pelo Nacional Opinion Research Center, Universidade de Chigago, e em 1975 passou a pertencer à SPSS Inc.

² 22 profs. do total de 129 que responderam esta questão.

³ ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L.B. da. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p.

⁴ 122 profs. do total de 150 que responderam esta questão.

⁵ 84 profs. do total de 148 que responderam esta questão.

⁶ 81 professores do total de 135 que responderam esta questão.

⁷ 812 do total de 1789 professores.

⁸ Pesquisa efetuada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Sexual, Sexualidade e Psicanálise da FCT – UNESP, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente – SP.

⁹ 115 do total de 154 professores.